

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 536	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs			
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	II DE NOVEMBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Quando ha dez dias, ao terminar a minha ultima chronica, ao rever as suas ultimas provas, lhes fallei a correr, rapidamente, com a brevidade laconica a que a falta de espaço me obrigava, do novo romance do actor Augusto de Mello, *O sr. Alferes*, que precisamente n'esse momento apparecia sobre a nossa mesa de trabalho e era posto á venda nas lavrarias de Lisboa e annuciado em vistosos cartazes pelas esquinas, forneci immediata tenção de dedicar toda a chronica de hoje a esse livro novo, que se impunha á nossa attenção já pelo seu distincto valor litterario, já pela novidade que elle representa no nosso pequeno mundo artistico como um livro exclusivamente de litteratura feito por um actor, facto pouco vulgar em toda a parte, porque se mesmo em França e nos grandes centros artisticos mercou sempre uma excepção, entre nós reveste um caracter de perfeita raridade.

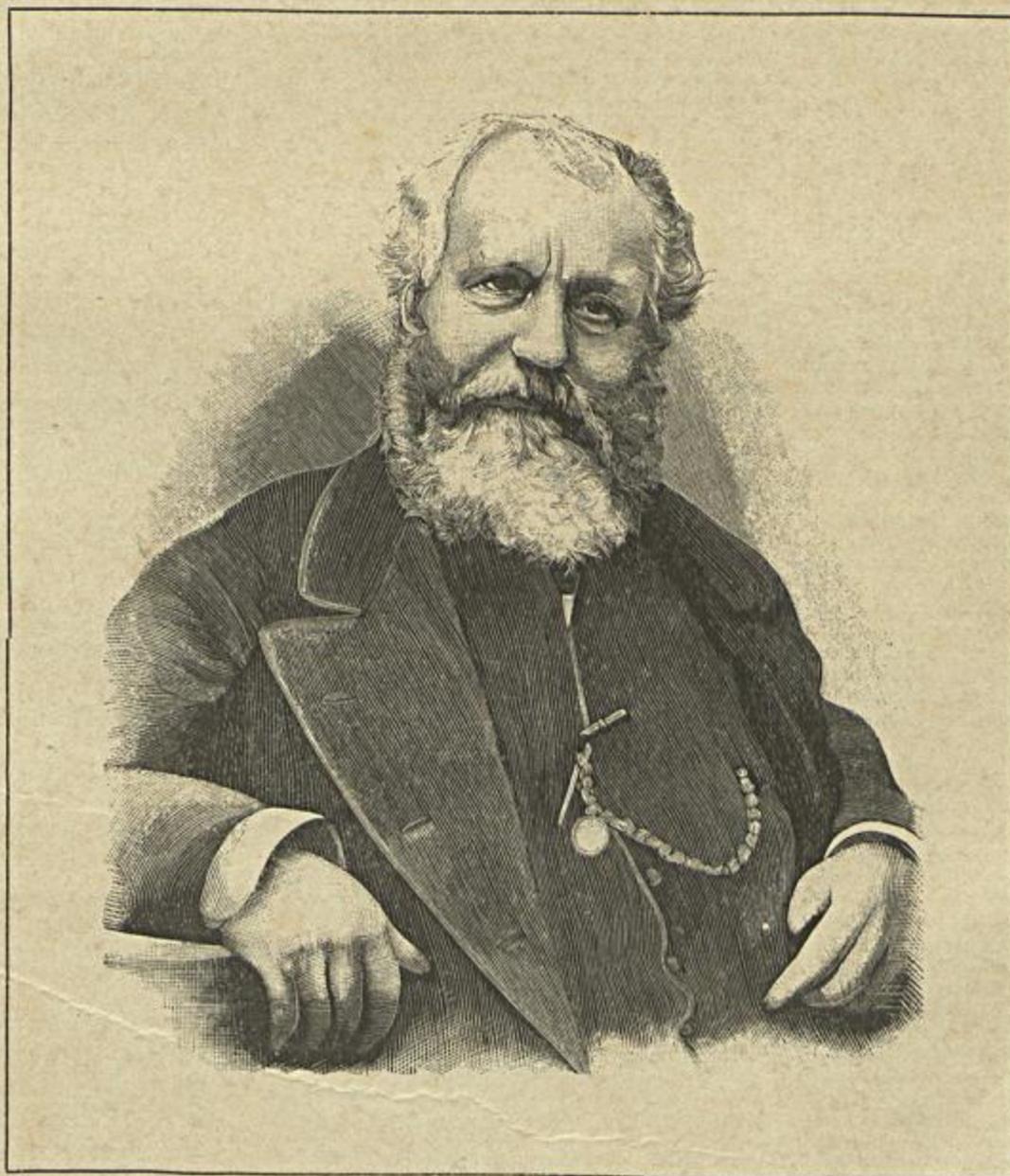
Não é porém apenas sob este titulo que o romance de Augusto de Mello tem direito a ser largamente apreciado e discutido, e abstraindo a individualidade artistica do seu auctor, abstraindo o sabor de novidade que essa individualidade lhe dá, o *sr. Alferes* é um esplendido romance de observação, feito com uma simplicidade cheia de despretenção e com um humorismo cheio de talento, que lhe dá incontestavel direito a ser collocado entre os primeiros romances d'esse genero, que se tem publicado entre nós.

Se é bem certo, porém, que o homem põe e Deus dispõe, muito mais certo é ainda que o chronista põe e os acontecimentos dispõem, tão certo que ha já que annos este axioma passou a ser uma banalidade sedida das chronicas indigenas, e hoje, apesar de todas as nossas bellas tenções temos que ceder a assumptos de momento o espaço que ao livro de Augusto de Mello contávamos dedicar.

E no fim de contas não nos incomoda muito isso, primeiro porque já dissemos no prefacio

d'esse livro um pouco do muito bem que d'esse livro pensámos, segundo, porque mercê do alto valor que esse romance tem, temos a certeza de que elle fará brilhante carreira no nosso mercado litterario e que o encontraremos ainda em pleno successo, quando os acontecimentos da semana, dando-nos umas ferias — muito vulgares nas chronicas de Lisboa. — nos permittirem occupar-nos d'elle com a largueza e attenção que elle merece.

Não é portante um assumpto liquidado, o *sr. Alferes*, é apenas um assumpto addiado e passemos aos assumptos da semana.



CARLOS GOUNOD

FALLECIDO EM PARIS, EM 18 DE OUTUBRO DE 1893

(Copia de uma photographia)

Na cabeça do rôl figura um importantissimo, que apesar de não nos dizer respeito immediatamente, nos preocupa muito a nós todos portuguezes, e com sobejas razões, já pela sua gravidade, já por se tratar d'uma nação visinha, amiga, a quem nos prendem os laços da mais intensa fraternidade — a guerra da Hespanha com Marrocos.

Inesperadamente, quando os politicos da Europa não pensavam senão na triplice Alliança e nas festas com que a França recebia os marinheiros russos, a questão de Melille veio attrahir sobre a Hespanha todas as attensões.

E de repente a Hespanha vê-se a braços com uma guerra terrivel, porque os riffenos e os Kabilas fazem d'essa guerra uma guerra santa, e todas as nações da Europa se acham sobressaltadas por essa lucta enorme que d'um momento para o outro pode atear uma guerra europêa.

E como se não bastasse para a pobre Hespanha os embaraços gravissimos em que uma guerra terrivel a veiu collocar, no meio dos embaraços internos com que ella já luctava, logo a seguir apparece a medonha catastrophe de Santander, uma catastrophe quasi phan-

tastica d'uma cidade e d'uma população destruidas, aniquiladas por uma explosão colossal de dynamite, provocada por uma imprevidencia extraordinaria, e agora, á ultima hora, como se tudo isso ainda fosse pouco, o attentado anarchista de Barcelona, as bombas de dynamite atiradas para o meio d'uma sala d'espectaculo cheia de espectadores, bombas que mataram e feriram gravemente mais de cem pessoas e lançaram, o que é peor ainda, o panico, o terror, a desolação n'uma das mais importantes e das mais formosas cidades da Hespanha.

E a tal lei mysteriosa e fatal das series, em que já por mais d'uma vez aqui tenho fallado.

A Hespanha está am azar.

Que Deus a proteja a ella e ao seu bom e heroico povo!

A revolução do Brazil continua a ser assumpto da semana, e infelizmente parece que por muitas semanas ainda continuará a ser assumpto obrigado. Essa revolução parece, como certas doenças, ter entrado no periodo chronico, um periodo terrivel e de que não se póde prever o termo.

As noticias que de dia a dia d'alli nos vem ou em telegramma ou em carta, pouco adiantam, porque nunca podem adiantar visto aquillo por lá estar sempre na mesma.

Hoje as noticias são favoraveis aos revoltosos, hontem eram favoraveis ao marechal Floriano, amanhã tornam-se favoraveis ao marechal, para depois o serem ao almirante Custodio José de Mello e assim successivamente, Deus sabe por quanto tempo ainda.

E por isso muita razão tem a cantiga popular, agora em voga no Rio de Janeiro:

Custodio não vem a terra
Floriano não vae ao mar
Digam lá vocês, ó gentes,
Quando é que isto hade acabar.

Em Lisboa fóra dos theatros não tem havido acontecimentos importantes.

O inverno chegou já e a cidade retomou o seu aspecto tradicional de todos os invernos.

Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a Rainha A Senhora D. Amelia regressaram no dia 8 de Cascaes e Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia ainda se demora uns dias mais no Estoril á espera que avance mais a convalescença de seu filho o sr. infante D. Affonso, que se acha muito melhor dos seus incommodos e já em via de restabelecimento.

A estação balnear de Cascaes acabou com a retirada de Suas Magestades, o sporting está deserto já e a Avenida da Liberdade é muito concorrida, nos dias em que a chuva dá licença, das tres ás cinco horas da tarde.

Nas ruas de Lisboa encontra-se já toda a gente conhecida; nas arcadas do Terreiro do Paço grande concorrência ás horas das secretarias, concorrência em que avultam os governadores civis de quasi todos os districtos do continente, trasidos a Lisboa, diz-se, para essa coisa monstruosa e dispendiosa, que se chama a montagem da machina eleitoral, machina, que segundo consta nas regiões onde se bebe do fino, está prestes a funcionar.

No theatro é que ha novidades e novidades importantissimas de primeira grandeza, sendo a principal um grande acontecimento artistico: — a escriptura de Lucinda Simões para o theatro de D. Maria.

Lucinda Simões, a grande e primorosa actriz portugueza que até agora tinha andado quasi sempre afastada de Lisboa e que quando ca apparecia, lá de tempos a tempos, só representava em theatros secundarios com companhias inferiores, vae finalmente apparecer no primeiro theatro do nosso paiz, acompanhada pelos mais illustres artistas nossos, no genero em que ella trabalha.

Felicitemos sinceramente por este facto a grande actriz, a empresa do theatro de D. Maria e a arte nacional.

Alli n'aquelle palco é que ha muitos annos Lucinda Simões devia estar, ella que é das mais riantes glorias da arte dramatica portugueza.

Ha muitos annos que assim é e ha muitos annos que todos o pensavam e todos o diziam, mas não sei porque estranho azar, apesar de todos o dizerem e de todos o pensarem, Lucinda continuava afastada do theatro de D. Maria e o theatro de D. Maria sem ter entre os nomes illustres dos seus artistas o nome glorioso de Lucinda Simões.

Finalmente agora emendou-se esse erro, e ainda bem, porque se Lucinda Simões tem muito a ganhar em trabalhar ao lado de artistas como Rosa

Damasceno, Virginia, Brazão, João e Augusto Rosa, o theatro de D. Maria tem tudo a ganhar com a cooperação brilhante do talento excepcional da grande actriz, e mais do que o theatro de D. Maria, e mais do que Lucinda Simões tem a ganhar com isso a arte portugueza.

Lucinda Simões deve estreiar-se no principios de dezembro.

E como que respondendo a uma censura que mais ou menos justa, mais ou menos encapotada por ahí se fazia á empresa do theatro de D. Maria, de não tratar de fazer artistas novos, a empresa este anno escripturou nada menos do que tres artistas novos; dois que ainda não pisaram em Lisboa o palco como artistas, dois rapazes muito illustrados, muito distinctos, o dr. Christiano de Sousa, descendente d'uma familia illustre e que depois de terminar ha annos o seu curso de direito, advogou por vezes nos tribunaes de Lisboa, e o filho do grande e chorado actor José Carlos dos Santos e da illustre actriz Amelia Vieira, um rapaz muito novo ainda, que tem uma educação litteraria muito cuidada e que ha dois annos, recitando uma poesia comica na festa artistica de sua mãe, no theatro do Principe Real, nos fez ter a visão do que era o grande Santos quando começava a sua gloriosa carreira; e uma actriz que já tem representado em alguns theatros e mostra ter distincta vocação e aproveitaveis dotes, a senhora Maria Falcão.

Applaudimos sinceramente os illustres empresarios do theatro de D. Maria por estas escripturas.

A epocha n'este theatro promette ser magnifica; tem todos os elementos para ser uma epocha extraordinaria, e bastam, para isso, o nome e o talento de Lucinda Simões.

A empresa tem já em ensaio um novo original, em 3 actos do nosso querido e velho amigo e collega o sr. Moura Cabral *A Kermesse*; e logo a seguir annunciam se já um original de Alberto Braga, outro de D. João da Camara, outro de Eduardo Schwalbach, outro de D. Thomaz d'Almeida, outro de Lorjô Tavares, outro de Marcelino de Mesquita, além de originaes que servirão de estreia a novos auctores.

No theatro do Gymnasio houve na terça feira ultima uma noite de entusiastica festa, a da recita em homenagem ao brilhante auctor da engraçadissima comedia *Anastacia & C.^a*, o grande successo do Gymnasio na epocha passada.

O illustre auctor do *Intimo* cuja estreia theatral no theatro de D. Maria foi uma consagração triumphal, teve na noite de sexta feira, mais uma noite de gloria, gloria justissima a que tem incontestavel e incontestado direito o seu extraordinario talento.

E ao fechar esta chronica uma noticia triste.

Morreu ha dias em Lisboa um velho actor ha muito tempo retirado do theatro, o actor Ramos, que foi quem creou o papel de Lusbel, no *Santo Antonio* de Braz Martins. Muitas noites nos tirou e somno, quando eramos pequeno, esse diabo vermelho, que no fim da oratoria levava para o inferno aquelle patife do frade que queria ser papa e andava sempre a intrigar o pobre Santo Antonio.

Tinhamos lhe um odio de morte, odio que se transformou em estima, quando mais tarde o conhecemos, muito grave, muito delicado, no seu typo burguez e correcto de negociante de vinho do Porto, e que hoje se transformou em saudade do pobre Ramos.

Que descance em paz.

Gervasio Lobato.

CARLOS FRANCISCO GOUNOD

O OCCIDENTE presta hoje a sua homenagem, ao mais eminente compositor da França e do mundo.

O sublime auctor do *Tausto*, era universal e d'aqui os pesares sinceros que a sua morte despertou em todo o mundo civilisado, e aonde a arte é amada, e os cultores divinisados.

Gounod, cujo retrato publicamos, não foi absolutamente feliz, a sua exaltação mystica e as aventuras porque passou, produziram-lhe tantos desgostos que só o seu grande genio pode superar sem que se sentisse influenciado mais ou menos por elles.

A critica das suas bellas obras, tem-se feito, mas a resistencia é tão grande pela solidez inhe-

rente a ellas que prevalecendo dão a resposta mais cabal aos zoilos que as abocanham, que nem se recordam que os grandes, os enormes, os divinos artistas nem sempre todas as suas obras foram primorosas, ainda que encerrem notaveis bellasas.

A vida de Gounod e a sua obra, encontram-se bem descriptas n'um bello artigo do escriptor francez Arthur Pongin, artigo que não resistimos a traduzir em parte, dando assim um reflexo, ainda que pallido, do que se encontra na *Illustration* acompanhando o retrato do grande compositor:

Morreu um grande homem.

Tinha genio. Ninguém, primeiramente o acreditou (quem cre, pois, no genio que se revela?). Os seus principios foram difficeis, o caminho aspero, alcantilado, cheio de obstaculos.

Foi-lhe necessario lutar contra a rotina, contra os habitos, contra os costumes mais queridos dos preguiçosos de espirito, esta luta immensa, ás vezes crudelissima e quasi sempre desanimadora. Redobrou de esforços, impoz-se emfim á força de perseverança de energia, de coragem e — tambem á força de vontade. Trabalhou sem descanso, amontuou as suas obras, dominou o publico, escalou o baluarte da fama que bem depressa o deu a conhecer, fazendo revoar o sem nome nos quatro extremos do mundo. Vinte, trinta annos se decorreram, e o grande homem desapareceu.

Que resta d'elle? Nada!... Mas. Resta uma gloria incontestada devida a uma serie de obras primorosas, ficou o rastro luminoso que o artista, o poeta, o creador, foi deixando traçado no radio-so ceu da arte, e que cousa alguma d'ora ávante poderá apagar; restam a intensa alegria, a emoção profunda, as sensações extranhas e multiplices que as suas obras primas, fizeram nascer no espirito e no sentir de uma geração que tem feito abençoar o seu nome por milhões de seres humanos; ficou emfim isto, como patrimonio universal que se enriqueceu graças a elle com bellezas até então desconhecidas, que os corações tem vibrado sob a impressão dos accordes que ainda ignoravam, que as almas se abrem a estas bellezas, a estes accordes que as faz estremecer, e a que a potencia do genio fez rebentar o mundo inteiro n'um grito enorme de felicidade e de entusiasmo. O grande artista não mais existe, mas a sua obra está acabada, o seu papel terminado, e ninguem agora o saberia esquecer.

Subiu ao throno no empyreo, pertence ao Olympo, é immortal!

Tão grande artista foi Gounod.

Recordemos em poucas palavras quem foi Gounod; porque é essencial conhecer o homem para apreciar o artista e isto é muito mais essencial para elle do que para qualquer outro: Filho d'um pintor que não era destituido de habilidade, discipulo de Lépicie e collega de Carlos Vernet e que em 1783 alcançou o segundo premio de Roma; Carlos Francisco Gounod nasceu em Paris a 17 de junho de 1818. Não estava, pois, seu pae na força da vida, assim, perdeu-o ainda bem novo. Sua mãe, uma senhora muito distincta e de um espirito bastante cultivado, excellentes musica mas obrigada a dar lições de piano para se subsistir, rodeou-o dos mais extremos cuidados e deu-lhe a conhecer os primeiros elementos da arte que elle devia illustrar. No lyceu da S. Luiz onde os seus progressos foram rapidos e aonde fez bellos estudos, a creança não só continuava os estudos de piano mas seguia mesmo o curso de harmonia de Reich. Diz-se, mas de leve, o que creio, que sua mãe queria o fazer notario. Por outro lado, isso não era facil quando assim sem fortuna, este projecto se existiu devia ser de pouca duração, pois que Gounod, com dezasseis annos apenas entrou no conservatorio, primeiro na classe de contraponto e fuga por Halévy, depois na classe de composição de Lesueur, e pela morte d'este, na de Paër.

Alli os seus progressos foram rapidos, pois que, em 1837, apresentando-se ao concurso de Roma, tendo então cerca de desenoze annos, obteve o emblema do segundo premio. Menos feliz no anno seguinte, tirou desforra no concurso de 1839, em que lhe foi dado o primeiro premio quasi por unanimidade: cinco votos de sete votantes.

Uma vez em Roma, Gounod, apaixonou-se pela musica religiosa, e começou estudando com ardor as obras de Palestrina. Compôz, mesmo, duas missas, das quaes uma foi executada na igreja de São Luiz dos Francezes, na occasião da festa do rei Luiz Phillipe, e outra em Vienna durante uma viagem que fez. Mas esta preocupação não era

puramente artistica, tinha o espirito eivado de idéas religiosas. Isto a tal ponto, que antes de deixar Roma para voltar á França, no termo regulamentar da sua estada, affastou-se da villa Medicis e retirou-se para o seminário. De volta a Paris persistiu n'estas idéas e não sómente aceitou as funcções de mestre de cappella na igreja das Missões estrangeiras, mas entrou no seminário dependente d'esta igreja e tomou o habito monachal. Alguns affirmam que recebeu a tonsura e um jornal especial a *Gazette musicale*, publicava esta noticia no começo de 1846: «M. Gounod compositor e antigo grão-premiado do Instituto, acaba de tomar ordens.» Ao mesmo tempo um editor publicava uma collecção de coros religiosos com este titulo: «Officios da Semana Santa pelo abbade Carlos Gounod.»

Todavia, elle, nada d'isto era, pois no momento em que se julgava Gounod bem resolvido a seguir a carreira religiosa e affastar-se completamente da arte profana, deu a sua demissão de mestre de capella, deixou bruscamente o seminário e voltou para Londres, onde n'um concerto dado em *Saint Martin's hall*, executou varias composições que obtiveram o mais brilhante successo.

Luiz Viardot, n'este momento em Londres, publicava respectivo a tal assumpto, no *Athenæum*, um artigo cheio de enthusiasmo, que produziu em Paris um effeito de surpresa facil de comprehender. «Esta musica, dizia o escriptor fallando das obras que Gounod tinha executado, esta musica recorda-nos um compositor antigo ou moderno, seja pela forma, seja pelo canto ou pela harmonia; é a obra d'um perfeito artista, é a poesia d'um novo poeta. Se não ha nas obras de M. Gounod um verdadeiro e novo genio, é nos preciso voltar á escola e aprender novamente o alphabeto da arte e da critica.»

Estava, assim feito! A partir d'este momento, Gounod disse adeus não ás suas idéas mysticas—que nunca abandonaram o seu espirito nem deixaram de influir no seu genio—mas á vida do claustro, e do que elle tinha considerado um instante como uma vocação religiosa. Retomou o seu logar no mundo, entregou-se ao trabalho com um novo ardor, etc., como todos os novos musicos, não teve senão um desejo o de escrever para o theatro. Começa então a sua verdadeira carreira, e estreou-se dando á opera uma obra em tres actos intitulada *Sapho*, da qual *Emile Augier* lhe deu o *libretto* e cujo papel principal foi feito por Madame Viardot.

(Continúa.)

Arthur Pongin.



AS NOSSAS GRAVURAS

A PROVA DE VINHO NOVO

Vinho novo servido por uma moçoila nova é um S. Martinho completo.

Foi o que aconteceu ao bom bebedor que se vê no quadro, e na physionomia se lhe observa o quanto elle aprecia o delicioso licor, ainda mais delicioso servido por tão guada moça.

Deve ter sido esta a dupla intenção do artista ao compôr o quadro que temos diante dos olhos, intenção que realisou com mestria.

O vinho novo é sempre um acontecimento nos paizes em que se cultiva a vinha, e no nosso chega a ser uma festa que tem grande numero de festeiros. Uma boa colheita alegre os tanto como ao vinicultor que vê o seu trabalho compensado e crescer a sua riqueza.

O vinho pode dizer-se que tem o culto de todos os povos, ora d'aquelles que o bebem ordinariamente, ora dos que o bebem extraordinariamente, nos grandes banquetes das grandes solemnidades.

E o que seria um d'estes banquetes onde não se bebesse vinho? Em que consistiria a sua animação? Se não viesse o generoso Porto, Madeira, Xeres, Tokai e tantos outros vinhos deliciosos avivar os enthusiasmos das saudes, estabelecer a corrente de alegria entre todos os convivas.

Entre nós é o dia de S. Martinho, que passa hoje, o destinado para a prova de vinho novo, um dia de festa, que muitos saudam com alegria e outros com tremendas borracheiras.

Aquelles que o festejam que a sorte lhes depare com uma boa pinga, uma moça fresca e louça como a que está servindo o bom bebedor do nosso quadro.

Parece-nos que é de agradecer.

DOIS TUMULOS

AO EX.^{mo} SR. MARQUEZ DA PRAIA E DE MONFORTE,
NA MORTE DA SUA EX.^{ma} ESPOSA.

Para encerrar dos Ceus um ente eleito,
Que fôra, em vida, a Estrella do indigente,
Dois tumulos se abriram juntamente:
— Um sob o marmore, outro em vosso peito.

Oh! e hoje a terna esposa e mãe clemente
Dorme, sem acordar, no álgido leito;
Porém o seu amor — Culto desfeito!
N'esse seio morto, vive eternamente.

E o vulto d'essa Dama, cuja gloria
Encheu de luz o lar, a patria e a historia,
Coube em exigua lousa... etherea flor!

Mas na lousa d'essa alma, triste e bella,
Onde fulge, qual astro, a imagem d'ella,
Ai! não cabe a saudade, o pranto e a dor!...

Ponta Delgada, Açores,
31—10—93

Manual Augusto d'Amaral.

O MARECHAL DE MAC-MAHON

A França perdeu um dos seus homens mais respeitaveis, um dos seus heroes que lhe enflorou a historia com os loiros de cem batalhas, desde a Argelia a Sebastopol, o triumphador de Magenta, o general que, quando o anjo da victoria abandonou as armas francezas, soube retirar honrosamente da linha dos Vosges, salvando a melhor das forças confiadas ao seu commando, no meio do desbarato da derrota.

O marechal de Mac-Mahon, expresidente da Republica Franceza succedendo a Thiers pela votação quasi unanime da assembléa de 24 de maio de 1873, resistiu quanto pôde á politica, e esta eleição surpreendeu-o, mas não o arredou das suas idéas ultra conservadoras, que affirmou logo na primeira mensagem que dirigiu ao parlamento pelo sr. de Broglie, presidente do gabinete, e pelo decreto de 1 de junho de 1873 mandando reconstruir a columna Vendome que a communa tinha destruido.

Era um caracter de aço temperado pelo valor da sua espada.

O seu governo foi uma lucta entre as suas convicções monarchicas e os deveres que lhe impunha a confiança que os francezes n'elle depositaram pondo lhe nas mãos o governo da republica.

Poderia ter mudado a face das coisas se quizesse servir-se da força. Quando se convenceu que não podia levar a França a pensar como elle, não forçou nem attraçou o seu mandato, demittiu-se e retirou-se á vida particular, deixando livre o campo das luctas partidarias.

Gambetta dissera no seu discurso de Lille, em 15 de Agosto de 1878, referendo-se a Mac-Mahon, aquellas celebres palavras: «Demitta-se ou submeta-se».

Mac-Mahon preferiu demittir-se, a acender uma nova guerra civil.

Era o ultimo sacrificio que fazia ao seu paiz.

De tudo se salvou com a sua honra illeza.

Quando foi o julgamento de Bazaine, o marechal de Mac-Mahon, na sua qualidade de presidente da Republica, enviou ao tribunal um depoimento escripto, como testemunha que fôra dada para o processo, mas esse depoimento não teve a importancia que se esperava, como accusação de Bazaine, e a sentença que condemnou á morte o accusado, foi commutada por Mac-Mahon na pena de 20 annos de prisão.

O marechal não esqueceu o seu antigo camarada e companheiro d'armas.

Aqui affirmava a generosidade da sua alma, complemento do seu caracter superior.

Quando, em 1875, a Inglaterra, na sua insaciavel voracidade por todas as possessões portuguezas, questionava os direitos de Portugal á bahia de Lourenço Marques, essa questão foi sujeita á arbitragem, e o arbitro escolhido foi o presidente da Republica Franceza, o Marechal de Mac-Mahon.

Os direitos de Portugal eram incontestaveis, mas a Inglaterra oppunha argumentos a seu modo que complicavam a questão e estabeleciam a desigualdade da lucta do pequeno com o grande, do iraco com o poderoso.

Era um trabalho difficil e de grave responsabilidade, em que a politica se podia metter de permo se encontrasse facil accesso, mas o austero presidente da Republica Franceza, só procurou

conhecer de que lado estava a justiça, e como reconheceu que ella toda assistia a Portugal, resolveu o pleito a nosso favor.

Ahi está a integridade do homem que a França perdeu, e a que Portugal não pôde ser indifferente, porque Mac-Mahon ficou pertencendo tambem á nossa historia, desde o momento em que fez respeitar os direitos que este pequeno paiz tinha a uma das gloriosas descobertas de seus maiores.

A homenagem que hoje aqui prestamos no Occidente ao heroe de Magenta, cremos que está em todos os corações portuguezes.

Marie Edmonde Patrice Maurice de Mac-Mahon, marechal de França, duque de Magenta, antigo senador e segundo presidente da Republica Franceza, nasceu em Sully (Saone et Loire) a 13 de julho de 1808, descendente de uma familia catholica irlandeza que seguiu os destinos dos Stuarts.

Era filho de um par de França amigo particular de Carlos X, e fez a sua primeira educação militar na escola militar de Saint Cyr, para onde entrou em 1825.

Mac-Mahon tinha um parente do seu mesmo apelido, que foi almirante em Hespanha e do qual uma filha unica é casada com o consul de Portugal em Barcelona sr. visconde de Wreim, portuguez de nascimento.

Os seus primeiros passos na carreira das armas foram n'uma expedição a Argel, a que se seguiu o sitio de Antuerpia, a que assistiu como ajudante de campo do general Achard. Em 1833 voltou á Africa no posto de capitão, onde se distinguio no assalto de Constantina, em 1837.

Sempre no serviço activo da fileira, commandou varios regimentos, e em 1853 foi elevado ao posto de general de divisão, e a grande official da Legião de Honra.

Estava commandando a divisão de Constantina quando, em abril de 1855, foi chamado a Paris para commandar uma divisão de infantaria do exercito do marechal Bosquet, na Crimea.

Começa aqui a época mais brilhante da vida militar de Mac-Mahon. Os feitos d'armas por elle praticados no celebre assalto de Sebastopol deram-lhe tanta gloria a elle como ás armas francezas na guerra da Crimea.

Em 1857 encontrám'-ol-o á frente da divisão de infantaria da expedição Kabilie, onde colhe novos louros para as armas francezas, repelindo as Kabilias vigorosamente, o que lhe valeu o ser nomeado commandante em chefe das forças de terra e mar, na Argelia.

A guerra da Italia, em 1859, veio proporcionar-lhe novas glorias, pois que indo commandar o segundo corpo de exercito dos Alpes, foi o heroe da batalha de Magenta, sendo agraciado com o titulo de duque de Magenta, no proprio campo de batalha e marechal de França.

E' Mac-Mahon que vae representar a França na coroação de Guilherme II da Prussia, em novembro de 1861.

Em 1864 é nomeado governador geral da Argelia. Aqui o seu governo não foi dos mais felizes, porque tendo em vista a criação de um reino arabe passou pelas maiores decepções e teve de voltar á colonização reclamada unanimemente pelos conselhos geraes. No entanto o prestigio das armas francezas foi sempre mantido contra todas as resistencias das tribus indigenas.

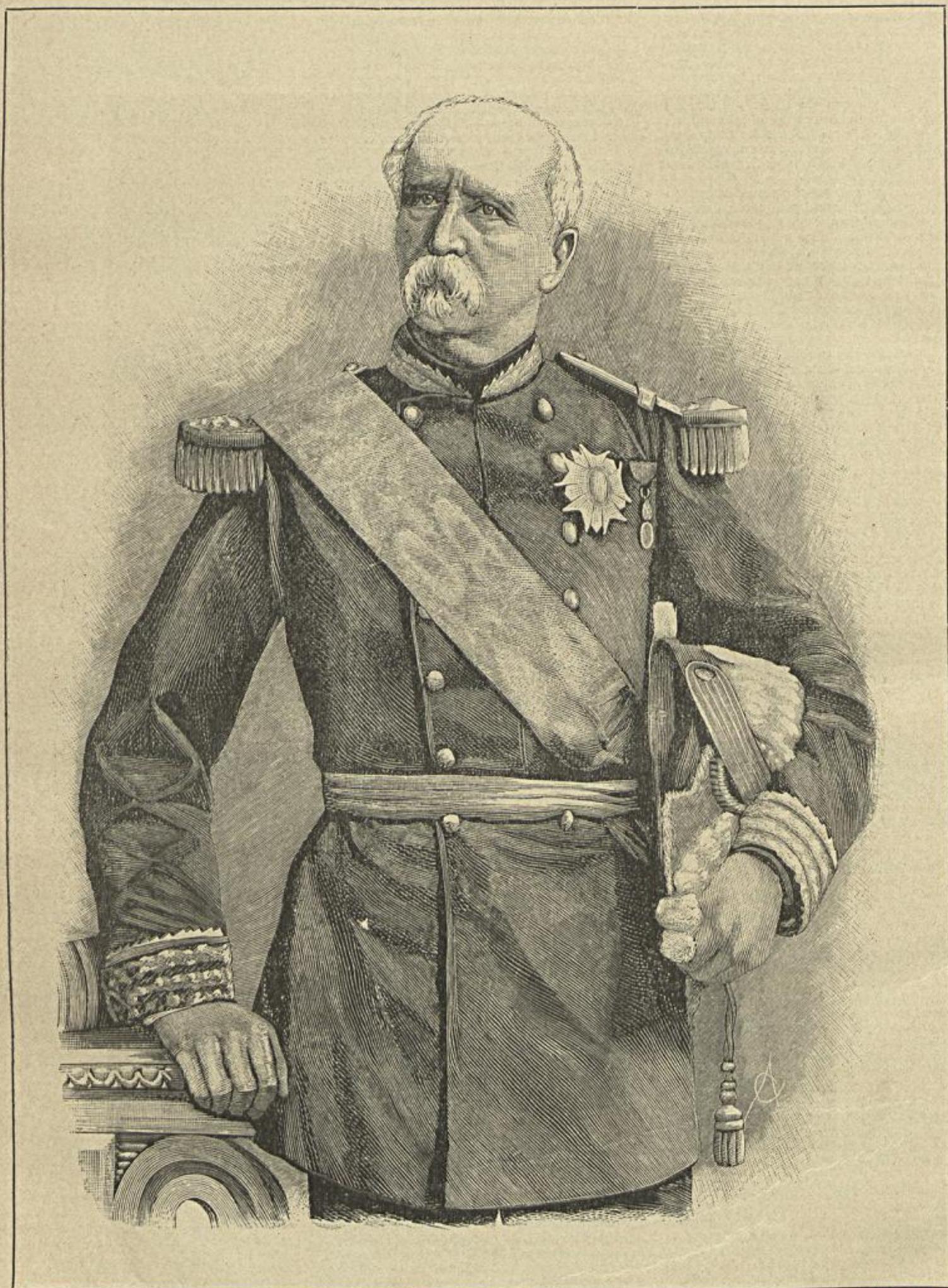
A declaração de guerra da França á Prussia, trouxe a Paris o marechal de Mac-Mahon, chamado pelo governo para tomar o commando do primeiro corpo de exercito que devia defender a Alsacia.

Esta guerra, foi como se sabe, um desastre para a França e Mac-Mahon, apesar de toda a sua sciencia militar e todo o seu valor de soldado, teve de ceder ante as forças desproporcionadas que o combatiam. Combatou com os seus 35:000 francezes contra 75:000 allemães. Vendo-se abandonado de socorros que tinha pedido ao general Faily, teve de retirar perdendo 4:000 homens, 36 peças e 2 bandeiras.

Foi, comtudo, o general que retirou melhor, em boa ordem salvando o mais que podia salvar da tremenda derrota.

Assim o entendeu o governo francez, que organisando um novo corpo de exercito em Chalons para operar com o de Bazaine, o nomeou commandante em chefe, cargo que elle aceitou contrangido, por ser contrario ao seu plano de guerra, que era o de defender Paris da invasão do exercito inimigo. Ainda insistiu pela defeza de Paris, mas ordens terminantes mandaram-no juntar ao exercito de Bazaine que se batia em Metz.

Estas hesitações e demoras na marcha das for-



O MARECHAL DE MAC-MAHON

FALLECIDO EM PARIS, EM 18 DE OUTUBRO DE 1893

(Copia de uma photographia de Walery)

ças que deviam ir a Muzon concorreram bastante para a derrota de Sedan, que fez perder a victoria á França, e lhe trouxe os allemães a Paris.

Mac-Mahon previra o desastre e quizera evital-o, e no entanto elle achou-se na capitulação de Sédan.

sistiu a todas as instancias e declarou que não era nem queria ser homem politico.

Depois da batalha de Reichshoffen, o jornal *Le Figaro*, abriu uma subscrição, que se elevou a 40.000 francos, para offerecer uma espada de hon-

Quando Thiers apresentou a sua demissão, em janeiro de 1872, por causa do voto da assembléa sobre o imposto nas materias primas, foi Mac-Mahon que pedit a Thiers para retirar o seu pedido de demissão.



A PROVA DE VINHO NOVO

(Copia do quadro de Sieben)

As glorias do militar tinham findado ali, mas não impediu Mac-Mahon de prestar ainda relevantes serviços ao seu paiz.

Teve a prova d'isso logo nas eleições de 2 de junho de 1871 em que varios departamentos da França lhe offereceram a sua candidatura á assembléa para desgostar Thiers, mas o marechal re-

ra ao Marechal de Mac Mahon, elle, porem recusou essa offerta e offereceu aquella quantia para obras de beneficencia.

A *União Parisiense da Imprensa* offereceu-lhe a candidatura pelo departamento do Sena, contra Vantrain e Victor Hugo, mas Mac-Mahon continuou a não acceitar.

Pouco tempo depois o partido monarchico conseguia vencer por 390 votos em 392, na sessão da assembléa de 24 de maio de 1873, a eleição de Mac-Mahon para presidente da Republica, sem que elle houvesse solicitado este cargo.

Estava, pois, eleito Mac-Mahon presidente da Republica Franceza e na sua primeira mensagem

ao parlamento, declarava: «Serei energica e resolutamente conservadora».

O que elle foi como presidente da Republica já o dissemos no principio d'este artigo. Governou com a França e a proposta apresentada pelo duque de Rochefoucauld Bisaccia e alguns seus collegas para o restabelecimento da monarchia, respondeu Mac-Mahon com a mensagem de 9 de julho, na qual reclamava com rara energia: «instituições regulares proprias a assegurar ao paiz, ordem, segurança e acalmção» e na proclamação que dirigia ao exercito, convidava-o a manter sempre de concerto com elle: «a auctoridade da lei e o respeito que lhe é devido».

Procurando por todos os modos conciliar os partidos, appellando para os homens moderados de todos elles para que votassem as leis constitucionaes da nação, empregando todas as diligencias para que se votasse a criação do senado, instituição que parecia mais conveniente aos interesses dos conservadores, não o conseguiu, e a 25 de fevereiro era approvada pela assembléa a lei sobre os poderes publicos que estabelecia definitivamente o governo legal da França pela Republica.

Não serenaram, porém, aqui os animos. Os monarchicos trabalharam fortemente para que Mac-Mahon entrasse n'um campo de combate pela restauração da monarchia, elle, porém, manteve-se firme no seu posto de respeitador das leis que a nação votara, e embora uma ou outra vez parecesse inclinar-se para as idéas dos monarchistas, nunca falseou o seu mandato, nem empregou a violencia para contrariar as aspirações da França.

Mac-Mahon era primeiro que tudo um militar e um caracter incorruptivel, por isso a politica não o pôde enredar por completo, fazendo-lhe esquecer o que devia á sua propria dignidade.

Por fim foi elle que deu a sua demissão da presidencia em janeiro de 1879, aproveitando o pretexto de uma desintelligencia com o ministerio a respeito do projecto de lei sobre os grandes commandos militares.

O marechal de Mac-Mahon sahia do poder, sem fazer recriminações politicas, a 30 de janeiro, e n'aquelle dia era proclamado Julio Grevy presidente da Republica Franceza.

Eis aqui o homem que a França acaba de perder, e a quem Portugal deve um acto de justiça que importa a mais indelevel gratidão á sua memoria.

Caetano Alberto.

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do n.º 535)

Esta nenia, repassada de intimo sentimento, era por isso mesmo um digno remate do espectáculo. Traça com viveza o quadro do assassinato, não esquecendo os lamentos das filhas do Mondego, as saudades das Tagides e as elegias de todas as musas... Dirige energica e demorada apostrophe ás donzellas brasileiras, evocando por fim á sombra de Ignez, a quem, em nome d'estas, consagra os seus versos.

Vieram-me as mãos duas *Cartas de D. Ignez de Castro ao principe D. Pedro*, impressas em folhetinho na Typographia Rollandiana (1824), e que são muito estimaveis: A primeira é em verso solto e a segunda nos antigos tercetos dos nossos velhos classicos. Escriptas no gosto bocageano, revelam delicadeza e sentimento, mas já não têm fóro, como outras muitas poesias, na eschola moderna. O *realismo*, que invade todos os portos litterarios, fez esmorecer estas e outras que taes manifestações platonicas.

O sr. ANTONIO JOSÉ VIALE no seu *Bosquejo metrico da historia de Portugal*, escreve de Ignez de Castro no canto 1, est. 65 e 66, assim como no canto VI, est. 18 e 19. Copiámos as duas primeiras:

Do Principe lograva ardente affecto
(Qual não lograra a misera Constança)
A sem ventura Ignez. Com torvo aspecto
Inveja a mira, e trama atraz vingança.
Castro, ouvindo lethifero decreto,
Aos pés de Affonso, tremula, se lança
Co'os filhinhos gentis, piedade implora,
Mulher, esposa e mãe, soluça e chora.

Commovido, abalado, Affonso escuta
Da triste dama os rogos derradeiros,
A compaixão sopeia, em grave luta,
De ira cega os impetos primeiros.

Ignez ousa esperar... Com furia bruta
Vem salteal-a monstros carneiros...
Ella, sem que uma queixa então profira,
«Meu Deus! meu Pedro!» exclama, e exangue
expira.

É primorosa esta pintura e excellente a metrificacão; raras energias se ostentam nos poetas tão vivas como esta e tão ternas. O leitor escuta como Affonso, como elle se commove e abala, de balde sopeia a compaixão n'esta triste tragedia, que se resume em tão delicada miniatura.

E porque n'estas ligeiras apreciações nos não falte tambem a satyra, aproveitamos uma critica, que suppomos de JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADE, feita a Antonio Isidoro dos Sanctos por causa d'uns sonetos que este compozera á morte de Castro e que foram impressos em Coimbra. Depois de censurar uma sua detestavel traducção da *Arte Poetica* do Horacio, acrescenta:

Vem de tropel a linda Ignez de Castro,
Presas as mãos e o collo de alabastro
Com durissimo esparto, indo paciente
Morrer ao cadafalso delinquente,
Porque d'amor o affecto verdadeiro
Pinta assim como um crime este grosseiro.
Mais sentiria Ignez ir d'esta sorte
Que o ferro duro que lhe dera a morte,

Mas cumpre parar... A enumeração de todos os nossos lyricos levava-nos muito longe. O que lhe cito basta para conhecer e avaliar a popularidade d'este assumpto nas nossas letras, popularidade constante e ainda hoje em voga. Sinto não lhe escrever d'outros como de JOSÉ FREYRE nos *Soldãos*, de L. A. PALMEIRIM, de D. MARIA DE LARA e MENEZES, do padre J. FERNANDES D'OLIVEIRA LEITÃO DE GOUVEIA, de OVIDIO SARAIVA, e não esquecendo *La Ifanta coronada* em octava rima, poema do alcaide mór de Torres Vedras, DON JOÃO SOARES DE ALARCÃO, escripto em hespanhol no tempo dos Philippes (impresso em 1660 por Pedro Crasbeek) e hoje pouco conhecido. E sobre todos estes merecem menção o dr. ANTONIO BARBOSA BACELLAR e JOSÉ THOMAZ DA SILVA QUINTANILHA, o primeiro pela *llossa* que fez da oitava do Camões *Estavas linda Ignez posta em socego*, a que deu o titulo de *Lamentos de D. Pedro*, e o segundo (Eurindo Nonacriense) por um bellissimo soneto, que faz lembrar o que d'elle disse Filinto:

Meigo em decimas, em sonetos meigo.

Barbosa é mestre da linguagem, não lhe fallecem dotes de bom classico nem gosto poetico, e Quintanilha tem a inspiração de Bocage sem os defeitos do elmanismo.

Na verdade é mister confessar que as nossas minas litterarias escondem ainda nas veias palhetas d'oiro de finissimo quilate, que muito conviria explorar para enriquecer a lingua e firmar o bom gosto.

II

Meu amigo. Superior a todos os nossos poetas é Luiz de Camões; e digo a todos os nossos poetas, porque sobressahiu em quasi todos os generos de poesia, e refinou-se na inspiração no genero mais difficil, que é a epopeia, levando a palma aos maiores, pelo que foi contado entre os peregrinos exemplares da litteratura classica.

Soffre hoje crua guerra o classicismo; o grego anda esquecido e o latim desprezado! E comtudo, pasmosa contradicção! um homem, que é filho d'esta eschola, recebe extraordinario preito de todo o seu paiz, e até de extranhos, na mesma epocha em que se condemnam ás Gemonias os modelos que cimentaram a sua gloria litteraria!

Calmé, il écoutait dans sa tombe
La terre qui parlait de lui. ¹

É necessario que nos entendamos bem. Os que defendem a necessidade do estudo das duas linguas mortas, e principalmente da latina, não o consideram como unico e exclusivo para as escholas, mas sim como fundamento seguro para melhor se avaliarem e entenderem as linguas vivas, sobre tudo as que como a nossa, como a franceza, a italiana e a hespanhola, estão vinculadas com a de Cicero e Virgilio.

«O latim é bom para tudo, diz ironicamente M. B. Lévy, ² assim como as pilulas dos charlatães, que curam as dores de cabeça, as dores de dentes e milhares de doenças. E' um culto, uma su-

¹ V. Hugo.
² *Les langues mortes et les langues vivantes dans l'enseignement secondaire* par M. B. Lévy, inspecteur général pour les langues vivantes. Paris, 1880.

perstição que predomina não só na França mas na Europa, e ainda além do nosso continente. Como herança do passado, adida inconscientemente, tem creado gravissimos abusos, chegando a prejudicar a educação publica...»

Esta praga do latim, na opinião do mesmo escriptor, offende ainda mesmo a politica, e é para a liberdade um verdadeiro tyranno!... «A sociedade moderna, accrescenta elle é democrata, e a democracia tem por interpretes os grandes pensadores do seculo. Os monumentos litterarios antigos não inspiram nem respeito nem amor do povo. Os sentimentos generosos que agitam as massas só se encontram nas obras primas modernas. Os poetas n'outro tempo só cantavam os reis e os heroes; os de hoje... esses é que nos pintam o homem despido de enfeites que o arrebicavam, inspiram-nos o amor da virtude singela e o odio do vicio, embora enthronizado...»

Ora todo este arrazoado, meu amigo, deriva com certeza ou de ignorancia propria ou da supposição da alheia. Não ha que escapar aos fios do dilemma, porque é nos auctores classicos que se nos deparam, não menos que nos outros, lições de acrysolado patriotismo e civica dedicação. Demosthenes, oppondo a espada da sua eleguancia aos exercitos de Philippe, torna-se por mais d'um titulo superior ao Mirabeau francez; Tyrreu derrotava os inimigos com hymnos que não valeriam menos que a Marselheza. Em Tito Livio abundam exemplares selectos de oratoria tribunicia; no Tacito... Mas escusamos citações impertinentes e inefficazes, porque os ignorantes são como os cegos, que por mais rica que tenham a phantasia não podem conhecer a luz do sol. E se não são ignorantes... ainda mais cegos, porque lhes fallece o gosto, fleira estreita da consciencia litteraria. Para estes taes, são elles que o dizem, a antiguidade semelha-se a uma laranja a que nossos paes saborearam o sumo, deixando-nos a casca...

Olhe, meu amigo, que as idéas de liberdade robustecem-se pelo menos com os estudos classicos, se acaso não se inspiram genuinamente com elles. Temos exemplos em casa; Garrett foi tão revolucionario em litteratura como em politica, e Castilho verberou a tyrannia com versos que se resentiam do jambo raivoso de Archiloco. Ainda hoje, em plenissimo periodo liberal, os nossos melhores poetas não desdenham o tracto das letras latinas. Um exemplo porém que vale todos os exemplos é o proprio LUIZ DE CAMÕES, o Homero das linguas vivas. Este homem, escreven lo nos reinados de D. João III e D. Sebastião, mostrou nos seus versos um desassombro que em tal epocha só se explica pela influencia das letras nos espiritos são. Na atmosphera mephitica do absolutismo subjugava a intelligencia, e mantinha-se isento n'um mundo seu proprio de valerosas phantasias, similhante ao circuito dos Campos Elysios, povoado de sombras illustres. Este genio sublime presentia futuros melhores, e revelava os na sua epopeia. Por isso o tempo o proclama maximo, e a ditosa patria sua amada, ditosa patria que tal filho teve, lhe consagra unanime ruidosos festejos.

A festa mais sympathica para uma nação é a apothese dos seus homens grandes. Passam trezentos annos sobre uma campa, escoam-se lentamente dia por dia, minuto por minuto, na enorme ampulheta do velho Saturno, e o nome gravado por epitaphio converte-se em constellação! As letras do primeiro gastam-se, as estrellas da segunda perpetuam-se; estas resplandecem eternas, aquellas obliteram-se ephemeras.

O merito purifica-se, afina-se no crisol das edades. O tempo é um cadinho, a urna das cinzas, d'onde se evola a parte mais subtil; é o casulo do bicho da seda, d'onde irrompe a borboleta, symbolizando um a vida transitoria, outra a immortalidade.

Ha tres seculos estorcia-se a nação agonizando dolorosa, e estalava a ultima corda da lyra do nosso poeta. Alcacer Kibir tóra uma mortalha, a morte de CAMÕES o derradeiro canto do cysne. Portugal deixava de si um nome, CAMÕES um livro. Não era como na Grecia Homero ou Virgilio em Roma, mas maior do que os dois. As rapsodias do grego eram uma lenda, se cantos do mantuano um romance; o poema portuguez tornou-se o evangelho do patria, que resuscitara.

A influencia da litteratura nunca se ostentou tão poderosa como a de CAMÕES em Portugal. Legou-nos um livro inimitavel, unico. N'este longo periodo foram grandes as transformações politicas e litterarias, reinaram monarchas, floresceram sabios, vingaram revoluções espantosas, e os LUSIADAS, como as Pyramides, permaneceram indeveis. O poeta não morrera; á entrada dos

¹ O mesmo auctor na obra citada.

seculos que se vão desdobrando na teia dos tempos instrue, com o seu livro na mão, as gerações que nascem, ensina-lhes a pureza e magestade da nossa lingua, e sobre tudo inocula lhes nos espiritos o sancto amor da patria que se não move de premio vil.

E o tricentenário celebra-se com franca effusão publica, com toda a consciencia nacional. Podiamos dizer com M^{me} de Sévigné, que escrevia de Turenne: *Que dites vous de ces marques naturelles d'une affection fondée sur un mérite extraordinaire?* Grande verdade é a que um grande poeta expressou n'este verso notavel:

Le nom grandit quand l'homme tombe. ¹

O poeta é nosso, todo nosso; pertence nos pela lenda e pela historia, e principalmente pelo amor. Todos o amam, porque ninguém amou com mais estremecido affecto esta nobre terra portuqueza. No seu amoroso enlevo o ingenho inspirou-lhe estrophes sublimes, repassadas de ardente patriotismo. Estas estrophes, apprendidas na infancia e gravadas no coração, são para nós todos a biblia da nossa religião politica.

A primeira pagina da navegação portugueza inscreve os triumphos lendarios de Fuas Roupinho; as nossas estreias do mar florescem com a aurora da monarchia. Foi uma gentil alvorada, um prenuncio auspicioso de tão esplendido futuro. Logo no periodo da primeira dynastia os reis D. Diniz² e D. Fernando preparam o caminho das descobertas maritimas, o primeiro creando nos pinhaes de Leiria a materia prima dos nossos galeões, o segundo educando com a sua legislação os nossos valentes marinheiros. O Mestre de Aviz apron os seus navios além mar em Africa, e seu filho, o infante D. Henrique, desbrava as ondas do Atlantico e facilita o rumo para as regiões orientaes. D. Affonso v firma a nossa influencia africana e descobre a Guiné; D. João II christianisa o Congo e dobra o Cabo das Tormentas. Sobre D. Manuel, a quem Neptuno humilha a gran corrente,³ e abre a derrota das Indias, e funda em distantes climas um imperio colossal.

(Continúa)

A. A. da Fonseca Pinto.



REVISTA POLITICA

Emquanto a imprensa politica vae moendo o caso da dissolução ou não dissolução das côrtes, e os sabios economistas vão fazendo a critica do equilibrio financeiro e economico em que vae entrando o paiz, deitemos uma vista de olhos no que se está passando lá por fóra e que mais ou menos prende com a nossa vida politica, financeira e economica.

Temos ao pé da porta e a mil leguas de distancia coisas que muito nos interessam, tanto sobre o ponto de vista economico como sobre o ponto de vista da nossa tranquillidade.

Os acontecimentos do Brazil vae em tres annos que tem tornornado completamente o nosso estado economico e financeiro. Os recentes acontecimentos de Marrocos e de Hespanha não são de molde a deixarem-nos tranquilos, pois de um momento para o outro poderão envolvernos, por mais cautelosos que andemos.

A revolução ultimamente acesa no Rio de Janeiro conserva-se estacionaria a ponto de não se saber o que aquillo é.

Um bombardeamento de uma cidade que dura ha dois mezes e que ainda não decidiu a causa, só no Brazil é que se podia encontrar.

A revolução assim, é a peor das revoluções, porque conservando a população no constante sobresalto, paralisando os negocios e destruindo pouco a pouco a cidade, gasta a vida e as forças d'aquelle grande paiz, sem nenhuma utilidade, sem se saber qual a vantagem que o Brazil pôde tirar para o seu futuro de uma revolução assim.

E no entanto as relações externas do Brazil recentem se fortemente com este estado de coisas, o credito do paiz soffre a maior depreciação, e Portugal sem ter revolução, recente-se d'aquelle

estado, pelos altos interesses que o ligam ao paiz revolocionado.

Ninguém sabe até onde isto chegará, e as finanças de Portugal estão á mercê de uma revolução que não ata nem desata, e de que se não sabe ao certo qual a aspiração.

O triumpho dos insurreccionados abrirá caminho a novas revoluções, uma vez que o poder está á mercê dos que se revoltarem, e se as eleições que se vão fazer para a presidencia não trouxerem ao alto cargo da republica um homem que mereça a confiança do paiz e que possa assegurar-lhe a paz, não poderemos esperar que o Brazil entre em uma vida regular e de prosperidade para que lhe não faltam elementos de riqueza natural.

E' n'esta eleição que deve estar toda a esperança dos patriotas brasileiros, e n'ella tambem está a nossa, para que a vida financeira e economica de Portugal possa entrar n'uma phase mais desafogada e solida.

Vejamos agora quaes as complicações que nos poderão vir da questão de Marrocos e Hespanha.

Se a guerra fôr por diante, como parece que terá de ir, não obstante toda a diplomacia do Sultão, que a deseja evitar, não surprehenderá se essa guerra fôr o inicio de uma conflagração europea, attentas as varias pretensões que as potencias tem sobre Marrocos.

A Hespanha procurará resistir, com a heroicidade e cavalheirismo que lhe é proverbial a essas pretensões que a prejudicam e ferem nos seus direitos, e n'estes casos como poderá Portugal sustentar a sua neutralidade, saltada por tantos lados, visto que a sua situação não lhes permite pronunciar-se por nenhum?

Não é neutral quem o quer ser, mas quem o pôde ser, isto é já um logar commum muito sabido, e, portanto qual terá de ser a attitudé de Portugal no meio d'esta questão?

E' esta uma pergunta a que só o futuro poderá responder, e que nos faz fazer votos para que a diplomacia consiga harmonisar as coisas, a evitar uma guerra que não será proveitosa para ninguém.

As ultimas noticias sobre a questão de Marrocos, parecem ser mais tranquilisadoras, e tudo está em que o Sultão tenha a força necessaria para conter as hostilidades das kabyilas contra a Hespanha.

No entanto as exigencias da Hespanha, em vista dos sacrificios já feitos, terão de ser importantes, e ainda que o Sultão se sujeite a ellas, resta saber se as potencias concordarão.

E eis como a politica externa, está n'este momento preocupando muito de perto a nossa politica interna, que, no entanto, se vae entretendo com a dissolução ou não dissolução das côrtes.

Que felizes politicos!

João Verdades.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

Realisaram-se emfim no dia 18 de outubro, do corrente anno, as primeiras experiencias officiaes do submarino Fontes, junto á porta do dique do Arsenal, perante numerosa assistencia de officiaes de terra e mar, jornalistas, empregados do arsenal, alguns amigos do sr. Fontes e varias outras pessoas, e estando presentes todos os membros da commissão official a qual se compõe dos seguintes officiaes da armada:

Presidente o capitão de mar e guerra, sr. Manuel Maria Dias Nunes de Carvalho, official da escola de torpedos: vogaes srs. José Maria Teixeira Guimarães, capitão de fragata e actual commandante da corveta *Duque da Terceira*, Ernesto Carlos Rosa, capitão tenente, lente da escola naval; João Maria Galhardo, engenheiro constructor naval e lente da Escola Naval; e Antonio Baldaque da Silva primeiro tenente engenheiro hydrographo.

Além da commissão estavam por parte do auctor do submarino os seus amigos srs. Augusto Trindade Pinto de Sousa e o habil electricista Antonio Maria Nunes Barbosa, constructor dos motores electricos do submarino, que pelo telephone transmittiam para o interior do torpedeiro o que a commissão ordenava.

A commissão reuniu ás 11 horas da manhã e cerca das 2 horas da tarde compareceu na muralha do dique para ordenar o começo das manobras

O sr. Tenente Fontes e os seus dedicados companheiros os operarios do arsenal, Belem (antigo marinheiro da armada) João, e Manuel já estavam a bordo do submarino e tinham estabelecido a liga-

ção telephonica para a muralha do dique afim da commissão poder estar em constante communicação com o barco e determinar as suas ordens.

A' 1 hora e 50 minutos, começou a primeira immersão.

O submarino desceu horizontalmente até ter 1^m,50 de altura de agua sobre o costado.

Depois inclinou 5 graus para a prôa e mais tarde 5 graus para a ré, conservando-se assim, mostrando que a estabilidade era completa.

Este exercicio ficou prejudicado em parte por se estar dragando a poucos metros do submarino, dando logar a que a agua tivesse alli densidade muito differente da normal e mais se difficultassem os trabalhos.

E' extraordinario sabendo-se, que n'aquelle dia se faziam as experiencias, estivesse desde a vespera a draga trabalhando!

A's 3 h. e 17 m. da t. concluiu a 1.^a prova.

A's 3 h. e 27 m. da t. fez-se a segunda immersão. O barco desceu até ter 1^m,80 de agua sobre o costado, parando n'essa posição. Depois começou subindo, e quando a agua estava mal cobrindo a cupula, isto é, com, approximadamente, um metro de agua sobre o dorso do submarino foram subitamente retirados dois linguados de ferro de 30 kilos de pezo cada um que estavam externamente collocados sobre a prôa. Esse peso, que era supplementar, pois a lastração do barco o não exige, quando foi alliviado, nenhuma modificação fez na estabilidade do submarino. Dentro do barco ha um balancometro, pendulo, que nem marcou a mais leve oscillação.

O sr. Fontes garante que lhe podem pôr até 120 kilos ou tirarem h'os que o barco não perderá a sua horizontalidade

Depois ainda se realizou outra immersão mergulhando o submarino ás 3 h., sendo de 2 metros a altura de agua acima do costado, n'esse mergulho. A's 4 h. e 15 m., finalmente, o submarino emergiu e tendo a commissão dado por findas as primeiras experiencias o sr. Fontes desembarcou, indo logo conferenciar com o sr. capitão de mar e guerra Nunes de Carvalho, presidente da commissão, que para isso o solicitára.

Estas experiencias realisaram se com o submarino muito sujo pois que estava havia mais d'um mez no mar.

As experiencias definitivas tiveram logar no dia 31 do mez proximo passado, começando ás 2 h. da t. e terminando ás 4 h. Estas experiencias versaram sobre visão, unicamante.

A commissão dispensou a submersão profunda, que parece estar claramente demonstrada aos poderes officiaes.

A's 2 h. e 24 m. fechou-se a cupula, descendo o barco vagarosamente, mas sem interrupção até cobrir o costado com 1^m,15 de agua.

O sr. tenente Fontes communicou então pelo telephone que estava vendo a ponte dos vapores Burnay, o embarque e o desembarque dos passageiros por ella, o forte de Almada, e parte da margem correspondente.

Foi esta a primeira vez que o submarino mergulhou no seio de uma corrente d'agua á qual resistiu, mantendo a estabilidade.

Isto foi notado pelo sr. tenente Fontes á commissão, á qual pediu licença para fazer mais demorada experiencia.

A commissão recusou, por não ser preciso, retirando se ás 3 h. e 30 da t., dando as experiencias por findas.

Este barco, que é apenas um modelo para experiencias de visão e estabilidade, foi mandado construir em harmonia com o requerimento que em seguida publicamos:

SENHOR

João Augusto de Fontes Pereira de Mello primeiro tenente da armada, tendo em 28 de julho de 1890 pedido venia para offerecer ao governo de Sua Magestade os planos d'uma bateria submarina, com a condição unica de ser o requerente encarregado de dirigir a sua construcção e experiencias; tendo em 18 de julho do corrente anno sollicitado permissão de Vossa Magestade para retirar o offerecimento de 28 de julho de 1890, em vista de se lhe não ter dado resposta de especie alguma; sem que tão pouco recebesse até hoje despacho ao seu pedido de 18 de julho de 1891; não podendo crer que este silencio seja motivado pela intenção de impedir que um official honre a sua farda e o seu nome; desejando manter impolluta essa farda que nunca se deshonrou, e illeso o nome de sua familia que já figura na historia patria; conscio do valor pratico do seu invento como arma de guerra, o que aliás directa e indirectamente foi declarado no relato-

¹ V Hugo.

² Segundo outros, que se julgam mais exactos, foi D. Sancho I.

³ Gabriel Pereira de Castro.

rio da commissão que o examinou; profundamente compenetrado da nullidade das razões economicas que se possam allegar contra a construcção do seu barco, pois que no Arsenal de Marinha e com pequeno dispendio se pôde fazer um modelo sufficiente para as experiencias essenciaes; e confiado de que Vossa Magestade não quer ver sophismado ou destruido o direito de petição, nem permittirá que se tolha o desaggravo d'um official a quem se não responde, por mais que esse silencio represente uma duvida sobre a sua palavra e sobre as suas intenções.

Vem por meio d'este novo requerimento perante Vossa Magestade pedir, que pelo ministerio respectivo se deem as ordens convenientes para que no Arsenal de Marinha se proceda á construcção d'um pequeno barco d'este systema, apto á demonstração pelo requerente das condições de estabilidade e de visão do seu aparelho, unicos

estão ligadas ao cylindro por meio de parafusos, fazendo junta com borracha.

O barco é assim dividido em tres compartimentos estanques; mede 11^m,35 de comprimento total, 1^m,538 de diametro e 16^m,800 de deslocamento, quando mergulhado todo. Não tem propulsor nem lemes lateraes, visto o fim a que é destinado este modelo.

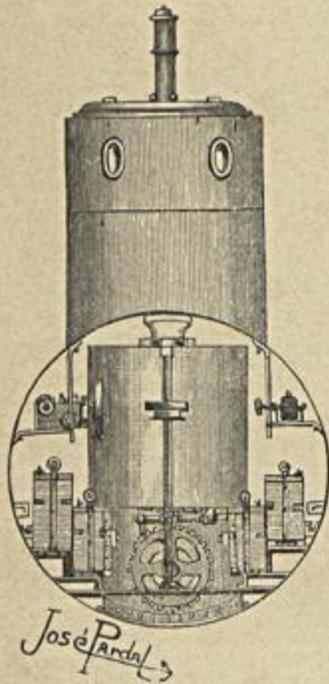
As pyramides conicas, que formam a prôa e pôpa, são divididas horizontalmente por uma antepára que passa um pouco acima do centro do circulo que lhes serve de base, sendo a parte que fica abaixo d'esta, ainda dividida internamente em tres compartimentos. Os compartimentos superiores são destinados á arrecadação de utensilios necessarios ao serviço do barco, e os inferiores são quatro depositos para agua com a capacidade total de 1 metro cubico, achando-se n'elles a agua á pressão atmospherica.

ponte dividida ao meio, fixando-se sobre o costado por uma perna de ferro.

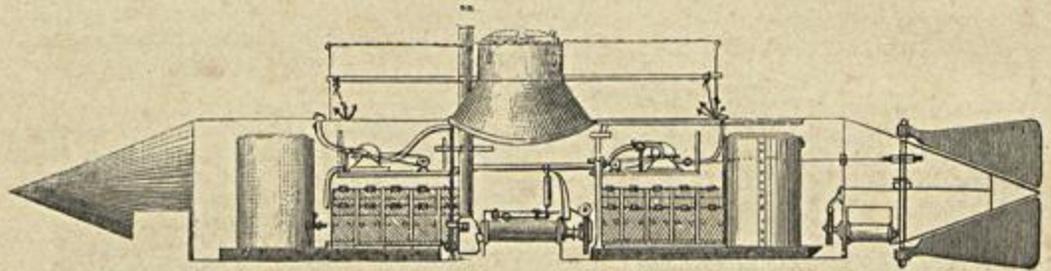
O aparelho de visão é um tubo de ferro forjado com 3^m,35 de comprimento de 11 centímetros de diametro exterior e 5 millímetros de espessura que se eleva acima da cupula, dentro e através do qual se acha combinado um systema de espelho. Este tubo atravessa o costado, pôde girar em torno do seu eixo e tem movimento no sentido vertical.

Dentro do corpo central do barco acham-se convenientemente dispostos os seguintesapparehos: A meio, nas extremidades do cylindro, duas caldeiras cylindricas verticaes com a capacidade de 0,500 metros cada uma, servindo para depositos intermediarios de agua, dentro dos quaes esta se acha á pressão de 4 kilogrammas por centimetro quadrado.

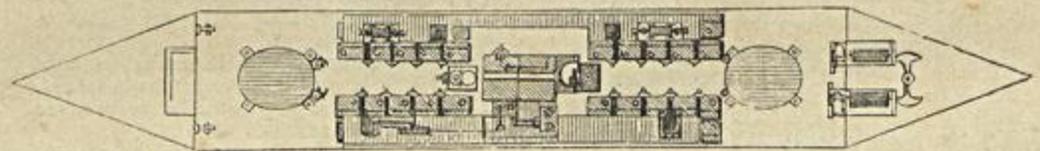
A bombordo duas ventoinhas eguaes, indepen-



CORTE TRANSVERSAL



CORTE VERTICAL



CORTE HORISONTAL

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES — MODELO PARA EXPERIENCIAS DE VISÃO E ESTABELIDADE

(Desenhos pelo sr. José Pardal)

pontos sobre que poderá haver quaesquer duvidas, pelo que

Pede a Vossa Magestade haja por bem mandar deferir-lhe como requer

Lisboa, 24 de Outubro de 1891.

(a) João Augusto de Fontes Pereira de Mello.

E. R. M.

A construcção d'este modelo foi confiada no arsenal da marinha, ao habil engenheiro machinista de 1.^a classe sr. Francisco Antonio de Sequeira, que auxiliando com o mais perfeito acerto e pericia seu irmão o sr. Fontes, fez com que o submari no desse estes bellos resultados.

A machina de guerra a que este modelo se refere é uma estação ou bateria torpedeira movel, destinada á defeza de portos, conservando-se occulta entre aguas e dominando o horisonte, em relação directa com a atmosphera.

O caso do pequeno barco, todo construido de chapa de ferro de 6 millímetros de espessura, é constituido por um cylindro com 7^m,29 de comprimento e 1^m,538 de diametro, terminando por duas pyramides conicas com 2^m,03 de eixo, servindo uma de prôa e a outra de pôpa.

Ambas estas pyramides são fechadas na base e

Na parte inferior de cada uma das pyramides, junto a ligação com o cylindro e como que engravada nos depositos de agua, ha uma pequena cavidade rectangular aberta para fóra, aonde se acham alojados dois tambores de molinete. Estes tambores são destinados ao serviço das amarras, sendo manobrados pelos respectivos molinetes dentro do corpo central da embarcação aonde se acham installados.

A prôa é lisa externamente; a pôpa é atravessada verticalmente por um eixo que sustenta duas portas eguaes de leme, uma em cada extremidade, eixo que é abraçado por uma meia lua dentro do compartimento superior. D'esta meia lua partem os gualdropes para o governo do leme.

O cylindro forma o corpo central e principal do barco; tem na parte inferior e perfeitamente a meio comprimento uma pequena cavidade rectangular aberta para fóra como na prôa e pôpa; aonde se acha um tambor de molinete exclusivamente destinado ao serviço de um prumo especial; na parte superior e tambem a meio eleva-se a cupula guarnecida de vigias e do aparelho de visão, constituindo o posto de observação.

Na cupula acha-se estabelecida uma escotilha circular com 64 centímetros de diametro, cuja tampa fecha hermeticamente, abrindo de dentro para fóra e para a prôa.

A vante e a ré da cupula encontram-se dois xadrezes de madeira, formando como que uma

tes, movidas directamente cada uma por um motor electrico, estando ambas em comunicação directa com a atmosphera exterior por um lado e pelo outro com a interior.

A estibordo duas bombas para agua movidas por um motor electrico.

No fundo e em duas linhas lateraes a bateria de accumuladores electricos composta de quarenta elementos com o peso total de 1696 kilogrammas.

(Continua)

Grumete.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1894

Já sahio a publico e está á venda em todas as livrarias este annuario illustrado.

A cepa é um formosissimo chromo allusivo ás touradas, em que se vê a Praça do Campo Pequeno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho. M. desto & C.^a, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39